

Área Kaingang continuará invadida

Após terem a área invadida e três membros da comunidade feridos a bala (ver PORANTIM n.º 94), os **Kaingang** do Toldo Chimbangue continuam obrigados a conviver com os ocupantes ilegais de suas terras. No encontro que tiveram com o ministro do Interior e a Funai, a 21 de janeiro último, o presidente do órgão tutor, Romero Jucá Filho, apenas garantiu que o atual chefe do Posto Indígena de Chapecó, João Luiz Serpa Silvério, seria trocado, por ter participado da expulsão das nove famílias do Toldo no dia 1.º de novembro. Mas afirmou que a troca se daria desde que a comunidade permitisse o Posto dentro da área, o que os **Kaingang** até então se recusavam a aceitar. Quanto à retirada dos aproximadamente 60 **Kaingang** que invadiram a reserva, Romero Jucá se recusou a discutir. Alega que, por serem todos índios, não pode haver tratamento diferenciado entre eles.

O que a delegação de seis **Kaingang** ouviu do presidente da Funai foi o mesmo que ele havia apresentado aos dois grupos, do Toldo e o invasor, quando esteve na área a 18 de janeiro. Naquele dia, Jucá propôs que ninguém mais entrasse ou saísse do Chimbangue até que a questão fosse decidida judicialmente. E até que isso ocorresse, a Funai prestaria assistência escolar, alimentar, de saúde e forneceria sementes e ferramentas para o plantio.

Os invasores concordaram prontamente. Os **Kaingang** do Chimbangue insistiram na retirada daqueles que não são da área, interpretando a proposta como divisão das terras do Toldo Chimbangue. Jucá acabou retornando a Brasília sem resolver coisa alguma.

Apesar do ministro do Interior falar em "clima de paz na região para resolver o problema", as agressões continuam partindo do grupo que entrou no Toldo em novembro do ano passado. A casa de Ana da Luz Fortes, a mais antiga moradora da área, chegou a ser arrombada e invadida por Getúlio, vice-cacique em Nonoai (RS), no dia 15 de janeiro, com que a comunidade terá que conviver indefinidamente. E até o dia 18 daquele mês, somente os invasores vinham recebendo assistência alimentar do órgão tutor.



A espera de dona Ana e dona Virgulina, Kaingang, pela ação da Funai

